

O sofrimento do “escravo” de Yahweh

The suffering of Yahweh's “slave”

Francisco Benedito Leite*

Resumo

Neste artigo refletimos sobre o tema bíblico do servo de *Yahweh*, discutimos a tradução do termo a partir das línguas originais, hebraico e grego, e as motivações que levaram à tradução eufemística “servo”. Em seguida, descrevemos os tipos de escravidão existentes na Bíblia Hebraica. Também estudamos o tema no livro do Deutero-Isaías e o apontamos no livro dos salmos e assim indicamos algo sobre o significado desse tema que está associado à condição da eleição de *Yahweh*, e assim desenvolvemos condições para entender o surgimento posterior de um messianismo do servo sofredor que permitirá a leitura retroativa de Jesus por meio dessa figura.

Palavras-chave: servo, escravo, Yahweh, sofrimento

Abstract

In this article we reflect on the biblical theme of the servant of *Yahweh*, we discuss the translation of the term from the original languages, Hebrew and Greek, and the motivations that led to the euphemistic translation “servant”. Next, we describe the types of slavery that exist in the Hebrew Bible. We also studied the theme in the book of Deutero-Isaiah and point it in the book of psalms and thus indicated something about the meaning of this theme that is associated with the condition of the election by *Yahweh*, and thus we developed conditions to understand the subsequent appearance of a messianism. the suffering servant who will allow the retroactive reading of Jesus through this figure.

Key-words: servant, slave, Yahweh, suffering

*Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Recebido em
30.07.2020
Aprovado em
21.12.2020

Introdução

Nesse artigo apresentamos uma interpretação do tema bíblico do “sofrimento do servo de *Yahweh*”. Fazemos isso ao mencionar narrativas bíblicas e interpretar passagens do Deuteroisaiás e dos Salmos, nas quais a expressão “servo de *Yahweh*” parece ser associada ao eleito de *Yahweh*.

A começar por explicações preliminares que apontam que a tradução do termo da língua hebraica para o português como “servo” é um eufemismo, fundamentado numa ideologia que carrega uma herança da sociedade escravocrata, que não se justifica nas traduções modernas.

Em seguida, apontamos alguns aspectos da escravidão na Bíblia, cuja existência parece ser contraditória, uma vez que a aliança de *Yahweh* se deu justamente com um povo escravizado, que, por isso, dever-se-ia esperar que não consentisse com a escravidão de outros povos, nem admitisse a escravidão em sua nação.

Na sequência, apresentamos sucintos apontamentos sobre o servo sofredor, conforme sua expressão mais bem delineada, que está nos cantos registrados no Deutero-Isaiás e a partir dessas premissas, finalmente chegamos a uma proposta para a compreensão do significado teológico do servo sofredor na Bíblia Hebraica.

1. Um eufemismo não ocasional

Entre as imagens do Antigo Testamento que levaram à posterior construção do messianismo no cristianismo, e talvez também em algumas seitas judaicas, destaca-se a importância do “servo sofredor de *Yahweh*”. Antes de examinarmos teologicamente os textos que tratam diretamente desse assunto é conveniente destacarmos o significado de escravidão no mundo da Bíblia, suas diferenças e semelhanças com as instituições escravagistas que surgiram posteriormente e os pontos de convergência e dissociação que há tanto entre a escravidão do mundo antigo quanto a das colônias modernas e o regime da servidão medieval na sociedade feudalista¹.

Quanto ao termo: “servo sofredor”, na verdade, dever-se-ia chamá-lo de

1. Devo essa percepção às aulas que tive com o Prof. Dr. Milton Schwantes que sempre fazia questão de fazer a dissociação dos termos bíblicos da linguagem europeizada e anacrônica que aparece na maioria das traduções.

“escravo sofredor”, pois os termos utilizados para designá-lo tanto na língua do Antigo Testamento [hebr. עֶבֶד; transl. ’ebed] (SCHÖKEL, p.474) quanto na língua do Novo Testamento [greg. δοῦλος; transl. doûlos] (RUSCONI, 2005, p.137) têm como melhor tradução “escravo” ao invés de “servo”.

Preferir “escravo” a “servo” na tradução justifica-se não tanto por motivos etimológicos, mas sim porque parece anacrônico falar de servidão na Bíblia, pois enquanto a escravidão é uma instituição existente desde o mundo antigo e se refere também à vassalagem de nações subalternas a um Império que emerge como potência e subjuga os habitantes de todo o território ao seu redor; a servidão, por seu turno, tem a ver com o regime feudal da Idade Média, no qual os camponeses pobres trabalhavam para os donos das terras (senhores feudais) em troca do direito de utilizá-la para sua própria subsistência, e apesar das condições precárias de sobrevivências, a população campesina tinha liberdade para mudar de território e trocar de senhor.

Os motivos que justificam o fato da maioria das traduções da Bíblia em língua portuguesa terem optado por “servo” provavelmente estão relacionados com fatores ideológicos muito intrincados na nossa cultura, como, por exemplo, o problema de relacionar o Cristo com a escravidão no país que teve uma das mais duradouras (na modernidade) e cruéis formas de escravagismo, que perdurou até um passado histórico relativamente próximo (1888) e os resultados da segregação e do racismo subsistem até mesmo em nossa época.

É bem possível que a consciência dos membros das classes letradas e da pequena elite intelectual do Brasil, que tinha acesso à leitura da Bíblia, não ficasse com a consciência tranquila ao saber que o próprio Cristo, no qual confessavam ter fé, é descrito como vítima da mesma crueldade que eles próprios praticavam e consentiam ou haviam praticado e consentido em época tão recente.

Aos letrados em língua portuguesa, pareceu-lhes melhor eufemisar a condição histórica concreta da escravidão e ler a palavra “servo” onde estava escrito “escravo” ao longo das narrativas bíblicas ao invés de enfrentar a própria consciência e reconhecer a dívida que os cristãos tinham com os negros e com o próprio Cristo.

Assim, por meio de verdadeiros marabalismos hermenêuticos, os cristãos vinham desenvolvendo maneiras de justificar a escravidão desde o período medieval com base em interpretações escolásticas de Aristóteles, que associavam

seu pensamento sobre a legitimidade da escravidão com o conteúdo da teologia cristã, através das quais conseguiram legitimar a submissão de um povo ao outro, apesar da contradição histórica que isso significava para o próprio cristianismo que se originou das classes mais baixas da sociedade e do judaísmo que conheceu Yahweh a partir de sua experiência de escravidão no Egito, segundo a narrativa do livro de Êxodo.

Diferentemente da escravidão desenvolvida no mundo moderno pelos colonizadores, a qual foi a mais cruel das instituições escravagistas por que se estabelecia a partir de um traço físico e não apenas étnico, que no caso é a cor da pele, e também resignava as funções mais indesejáveis e laboriosas aos escravos africanos; no mundo antigo, no entanto – para citar o exemplo específico do mundo Greco-Romano – o escravo podia realizar todo tipo de atividade desde as funções mais baixas e degradantes até atividades dignas de respeito e reconhecimento, como as funções administrativas e pedagógicas, mesmo assim, em todos os casos, o escravo é uma posse de seu senhor, pode ser comercializado como um objeto, pois é absolutamente desumanizado e se considera que ele não tem vontade própria, não tem autonomia, é meramente uma posse de um homem livre, como se fosse uma ferramenta de trabalho, por isso em língua grega, muitas vezes é designado com os mesmos termos que definem bens materiais [greg. σκευή; transl. skeué] (LIDDELL; SCOTT, 2007, p.688), em outras tantas ocasiões é designado pelo mesmo vocábulo utilizado para definir a criança [greg. παῖς; transl. país] (RUSCONI, 2005, p.348), porque tanto um quanto outro não têm vontade própria, em contraposição ao homem adulto, livre, de sexo masculino, este sim, seria o único a ter a plena autonomia, também descrita pelo termo liberdade [greg. ἐλευθερία; transl. eleuthería] (RUSCONI, 2005, p.162).

O “servo” [lat. seruus] na Idade Média, assim como o escravo negro que trabalhava nas colônias do mundo moderno, também era responsável por toda sorte de serviço pesado e degradante e não tinha acesso à educação nem a qualquer outro prestígio social. O servo também dependia de um homem rico – no caso, do senhor feudal – que era proprietário das terras cultiváveis, ao qual devia obediência e fidelidade imparciais sem nenhum compromisso permanente em contraparte.

A grande diferença entre o servo e o escravo é que por mais subalternas

e atroztes que fossem as condições de vida do servo na época medieval, mesmo assim, ele não era um objeto passível de ser comercializado, sem nenhum traço de autonomia. Mesmo que na prática as condições fossem muito cruéis e restassem poucas alternativas para uma vida digna para quem nascesse na servidão, ao menos ideologicamente o servo era considerado um ser humano de acordo com o pensamento comumente expresso pela cristandade.

Apesar da condição de vida na servidão ser praticamente insuperável para quem nasceu nesse status, a não ser que se tornasse um clérigo ou, de modo muito improvável, se contraísse matrimônio com alguém da nobreza, mesmo assim há diferenças significativas em vista da escravidão porque no que se refere ao escravo, seu senhor, ou dono, pode espanca-lo e tirar-lhe a vida sem problemas legais, porque é considerado uma posse, enquanto que o servo pode trocar de senhoril ao longo de sua vida.

2. Concepção sobre a escravidão na Bíblia

Embora a escravidão seja uma condição de vida absolutamente comum no contexto social das pessoas que viveram no antigo oriente, conforme está retratado no primeiro testamento, apesar disso, na maioria dos casos os livros têm um ponto de vista crítico, ou no mínimo, pouco simpático sobre essa instituição porque geralmente o próprio povo de Israel repetitivamente é escravizado por uma das potências vizinhas.

Vale a pena relembrar e reler textos que mostram a origem e a identidade humilde de Israel ao ser eleito por seu Deus a partir de sua fragilidade e sofrimento, como, por exemplo, podemos ler no livro de Êxodo que relaciona a condição de escravidão com a revelação de Yahweh a Moisés para livrar o povo de Israel da crueldade à qual era submetida no Egito, onde realizava trabalho forçado. Em determinada passagem Yahweh ouve seu povo que clama em meio ao sofrimento, conforme podemos ler:

Mas quanto mais os afligiam, tanto mais se multiplicavam, e tanto mais cresciam; de maneira que se enfadavam por causa dos filhos de Israel. E os egípcios faziam servir os filhos de Israel com dureza; Assim que lhes fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro e em tijolos, e com todo o trabalho no campo; com todo o seu serviço, em que os obrigavam com dureza (Êx 1.12-14).

E um pouco mais adiante, no capítulo seguinte do mesmo livro:

E disse o Senhor: Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel é vindo a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. (Êx 3.7-9)

Essa origem de Israel como nação chamada por Yahweh para a libertação da escravidão do Egito já aponta para as diferenças entre suas características ideológicas e as que já mencionamos referentes à instituição da escravidão no mundo Greco-Romano. Em Israel e Judá eram nações fundadas a partir do mito da libertação da escravidão do Egito e do nomadismo de seu pai Abraão, “arameu errante” (Dt 26.5). Israel, segundo a narrativa de sua fundação, peregrinou por quarenta anos pelo deserto, antes de expulsar os antigos habitantes hostis da terra na qual viria a se assentar e assim deixou o nomadismo. Por isso era de se esperar que a concepção que se haveria de ter sobre os escravos fosse significativamente diferente, apesar de em seu contexto também haver escravidão.

Segundo José Luís Sicre, há seis causas para a escravidão descritas na Bíblia Hebraica: (1) cativos de guerra, (2) escravos estrangeiros, (3) venda de menores, (4) autovenda de adultos, (5) insolvência econômica e (6) venda de ladrões para saudar uma dívida que não pode restituir (SICRE, 1990, p.187).

Apesar de sabermos que isso significa que em algum de seus estratos literários a Torah considera legítima a escravidão, mesmo assim, isso não impede que os profetas tenham um ponto de vista mais radical quanto ao assunto. Ao que tudo indica, as injustiças apontadas pelos oráculos do profeta Amós indicam que qualquer espécie de escravidão deve ser considerada um abuso contra os seres humanos e um agrave contra Deus (SCHWANTES, 1987), como podemos averiguar a partir de um de seus oráculos:

Ouvi esta palavra vós, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis aos pobres, que esmagais os necessitados, que dizeis a vossos senhores: Dai cá, e bebamos. Jurou o Senhor Deus, pela sua santidade, que dias estão para vir sobre vós, em que vos levarão com ganchos e a vossos des-

cedentes com anzóis de pesca. E saireis pelas brechas, uma após outra, e sereis lançadas para Harmom, disse o Senhor (Am 4.1-3).

Se, conforme Sicre (1990, p.186), o profeta Amós trata da escravidão como uma instituição concreta e relaciona qualquer de suas espécies à injustiça social, isso significa que apesar de também existirem manifestações ideológicas diferentes ao longo dos livros da Tanakh, mesmo assim, permanece pelo menos no discurso de determinados profetas certa tendência que relaciona a definição veterotestamentária de “justiça” [hebr. צדקה; transl. tzedeká] (SCHÖKEL, 1997, p.556) com o favor de Yahweh em relação aos pobres e, conseqüente, em oposição aos poderosos, os quais aguardam a manifestação do dia da ira de Yahweh e seu grande julgamento, que no caso da maioria dos profetas, é considerado por eles como um dia de devastação concreta, a ocorrer no mundo real dos seres humanos de carne e osso e não numa outra realidade, como viria a ser o caso quando se desenvolveu a imaginação apocalíptica no séc.II a.C.

Essa relação de Yahweh com os que sofrem manifesta-se de modo claramente delineado e mais expressivo que em outras partes da Bíblia Hebraica nos textos intitulados posteriormente como “Cantos do escravo sofredor” (Is 42.1-4; 49.1-6; 50.4-9; 52.13-53.12), conforme a designação criada pelo teólogo luterano germânico Bernhard Duhm em 1892, em seu comentário do livro do profeta Isaías. Devido a esse estudioso, os teólogos protestantes e católicos continuaram usando a mesma nomenclatura: “servo”, e não “escravo”, por esse motivo, mesmo tendo apontado os problemas ideológicos da utilização do termo, continuaremos a utilizá-lo.

3. O sofredor no Deutero-Isaías

Até hoje a origem do servo sofredor é discutível, pode ser uma edição posterior, incluída no pergaminho de Isaías ou um conjunto de profecias de Isaías reutilizadas cento e cinquenta anos depois e no exílio Babilônico (BARKER, 2017, p.251). Também é de se discutir o que esse servo representa, se é plausível que sua figura se refere ao povo de Israel que sofria no exílio. Ao menos podemos conjecturar essa ideia a partir do modo como próprio livro de Isaías apresenta o tratamento que Yahweh dá à sua nação favorita (BARKER, 2017, p.251):

Porém tu, ó Israel, servo meu, tu Jacó, a quem elegi descendência de Abraão, meu amigo; Tu a quem tomei desde os

fins da terra, e te chamei dentre os seus mais excelentes, e te disse: Tu és o meu servo, a ti escolhi e nunca te rejeitei (Is 41.8-9).

A identidade do servo sofredor também foi relacionada com a pessoa histórica do rei Ezequias, que, de acordo com vários relatos desorientados do Bíblia Hebraica, contraiu uma grave enfermidade durante sua vida (Is 37, 38; II Rs 19, 20; II Cr 32), possivelmente peste bubônica, e essa doença levou os estudiosos a sugerirem que surgiu entre o povo de seu reinado que o rei sofria de um grave mal sem ter tido culpa alguma ao contrai-lo. O que é uma clara contradição à teologia deuteronomista, com base na qual se ensinava que o sofrimento humano acontecia na vida por causa do pecado, do modo como se manifesta a “teologia da retribuição” em tantas passagens bíblicas e de modo específico em alguns livros poéticos².

Quem quer que tenha sido seu referente histórico – a nação de Israel no exílio, o rei Ezequias ou qualquer outro – pouco a pouco o servo sofredor deixa de ser um ente histórico e entra para o imaginário do povo como aquele que sofre pelos pecados dos outros seres humanos, apesar dele mesmo não ter cometido nenhum agrave contra Yahweh. A ideia é que ele se submete totalmente à vontade de Yahweh, como um escravo que não tem autonomia, ele é um instrumento.

O primeiro canto, de apenas quatro versículos (Is 42.1-4), apresenta Yahweh tratando da eleição de um servo que trará justiça. O servo é apresentado como aquele que executa a justiça de Yahweh, um “rei”, nessa concepção, um ungido, responsável pela manutenção da justiça em sentido real, mas também no sentido profético, a qual é estabelecida, não pela proclamação nem pela força, de modo diferente do que fizeram os outros profetas, sua atuação é silenciosa.

O segundo canto, de seis versículos (49.1-6), relata a eleição do servo feita por Deus antes de seu nascimento, para estar à frente de Israel e das nações. O servo passa a ser designado como o [profeta](#) de Yahweh, chamado e equipado para restaurar as nações. Mesmo assim, seu sucesso não será político nem militar, como se presume pelo primeiro canto, parece que seu sucesso será apenas simbólico, como “luz para as nações”.

2. *Provérbios e Eclesiástico* afirmam a existência da Teologia da Retribuição.

No terceiro canto (Is 50.4-9) o servo fala em primeira pessoa, como aquele que recebeu de Yahweh a vocação profética, que, nesse caso, inclui o consolo. Ele tanto sabe ouvir de seu Deus quanto sabe falar por ele. Ao que tudo indica o que legitima seu ministério é o sofrimento pelo qual passou.

O quarto canto (52.13-53.12) é o mais extenso, apresenta o servo como aquele que sofre pelos outros mesmo sem ter nenhuma culpa, na verdade, em seu sofrimento o servo intercede pelos outros. No entanto, depois de todo sofrimento pelo qual passa, o servo é exaltado por Yahweh.

4. O significado teológico do servo sofredor

Segundo Margaret Barker, o servo sofredor de Yahweh é o extremo oposto do querubim ungido, descrito pelo profeta Ezequiel (BARKER, 2017, p.217). Enquanto um sofre sem culpa, o outro é um exemplo de arrogante exaltado que será justamente humilhado e arrasado. O que atesta mais uma vez que no Antigo Testamento a divindade está do lado dos pobres e desfavorecidos e em oposição aos poderosos e arrogantes.

Precede os cânticos do escravo sofredor o gênero de salmos de lamentação, que devido à sua amplitude, mereceria ser estudado à parte, pois existem vários tipos de lamentação. No entanto, apenas para apontar que o sofrimento do justo é parte importante da religião de Israel, vale a pena comentar sobre o subgênero dos salmos de lamentação que segue o tipo de “reclamação individual”, que se manifesta em muitos salmos (3; 5; 6; 7; 13; 17; 22; 25; 26; 27:7-14; 28; 31; 35; 38; 39; 42-43; 54-57; 59; 61; 63; 64; 69; 70; 71; 86; 88; 102; 109; 120; 130; 140; 141; 142; 143. 3)³. Para averiguar esse aspecto, vale a pena reler atentamente e perceber a lamentação que se encontra no Salmo 22.

Tanto os cantos do escravo sofredor quanto os salmos de lamentação podem não ser inerentemente messiânicos, ou seja, a palavra “messias”, “ungido”, não aparece ou quando aparece não faz um prognóstico para o futuro, senão que trata de aspectos do passado ou presente vividos na história de Israel. Apesar disso, o sofrimento ganha tanta importância para o povo que passa tantos percalços ao longo de sua história, que se torna uma característica do eleito por Yahweh. Por isso, é sugestivo que Jesus seja associado a figura do servo

3. De acordo com a classificação dos gêneros dos salmos feita por Hermann Gunkel (1993).

sofredor e do eu que se lamenta nos salmos, apesar de não haver correlação literária claro.

Considerações finais

O artigo afirmou que a opção da tradução do termo hebraico “‘ebed” por “servo”, ao invés de “escravo” é um eufemismo gerado por uma ideologia que não evita o enfrentamento crítico da instituição da escravidão que existe na nossa sociedade até hoje por meio da segregação social e do racismo.

Ao desenvolvermos a explicação da escravidão no texto bíblico, indicamos que apesar de sua contradição, surgiram justificativas e legitimações para determinados tipos de escravidão nos povos de Israel e Judá, mesmo que isso significasse ignorar que Yahweh os havia chamado da escravidão e justamente por serem escravos.

No livro do Deuteroisaiás, o servo sofredor torna-se tema de suma importância, mesmo que esteja envolto em mistérios, pois os cantos do servo sofredor enaltecem-no como figura escolhida por Yahweh para passar por sofrimento e posteriormente ser exaltado de modo inesperado e paradigmático como cumpridor dos desígnios divinos.

O tema do servo sofredor também aparece nos Salmos de lamentação e parece indicar que segundo determinada tradição do judaísmo antigo, o sofrimento é sinônimo da eleição de Yahweh, e assim abre espaço para o desenvolvimento de futuras esperanças que associarão essa misteriosa figura sofredora com Jesus Cristo, mesmo que o tema seja muito lacunar para qualquer delineamento mais preciso.

Referências

- BARKER, Margaret. *Introdução ao Misticismo do Templo*. Tradução de Maurício G. Righi. São Paulo: Filocalia, 2017.
- GUNKEL, Herman. *Introducción a los Salmos*. Valencia: Edicep, 1993
- LIDDELL, H. G; SCOTT, R. *Greek-English Lexicon: For the study of Classical Greek and Bible Study (Abridged)*. Simon Wallenberg Press, 2007, p.688.
- RUSCONI, C. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. Col. Dicionários. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHWANTES, Milton. *Amós: Meditações e Estudos*. Petrópolis: Vozes/São Leopoldo: Sinodal, 1987.

SICRE, José Luís. *A Justiça Social nos Profetas*. Nova Coleção Bíblica. Tradução de Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.